

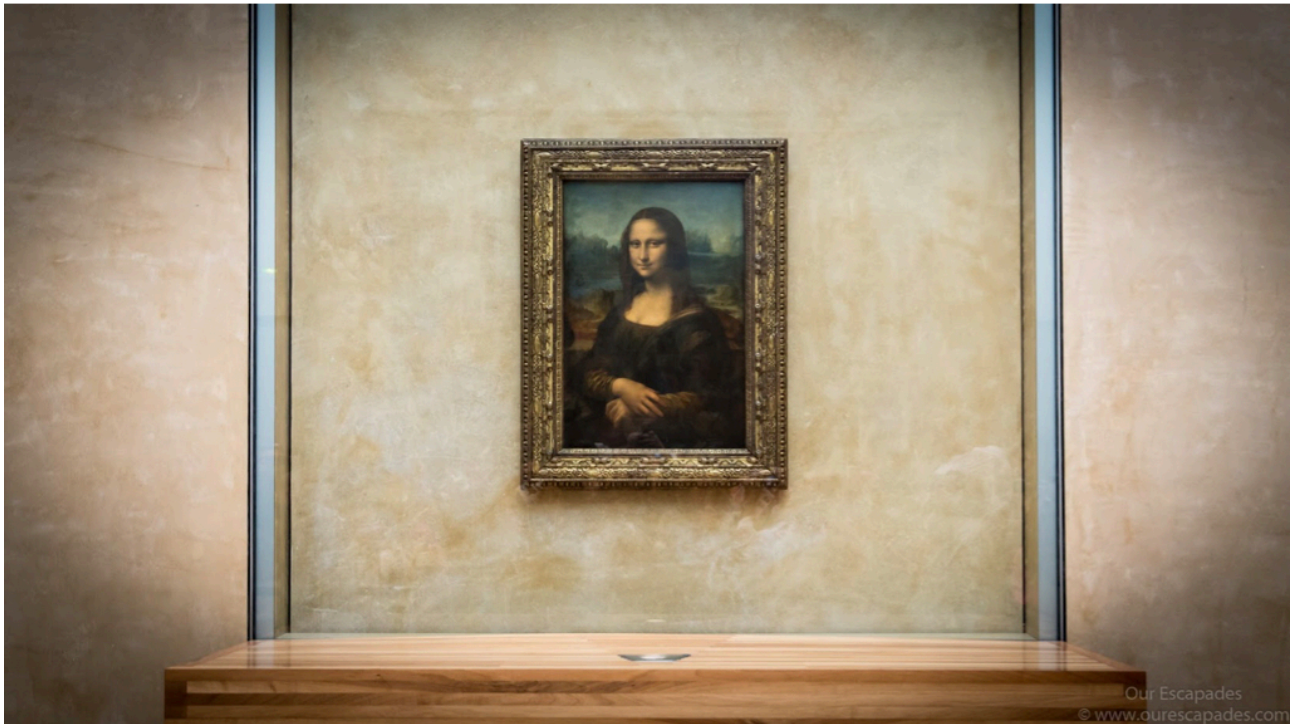
Como sentir (na web) o peso do ar e da pedra. Do (i)material se faz museu

Colóquio digital ICOM Portugal

18 de Junho 2020



Partindo do texto **Tudo será ainda *instagramável*? O museu por reinventar**, escrito a 28 Abril 2020, procuro olhar a forma como museus de referência contruíram a sua presença digital no período de ausência física imposta pela pandemia do COVID-19. Partilho então o texto, para de seguida apresentar alguns dados recolhidos de forma muito empírica, que espero que contribuam para lançar linhas de discussão para o debate desta questão.



Enquanto as obras *instagramáveis* das exposições acumulam pó nas galerias fechadas, os museus parecem condenados a manter-se numa corrida acrítica de difusão de conteúdos online, mantendo a sua presença virtual com partilhas mais ou menos inócuas de publicações prévias dos seus visitantes, *posts* de obras avulso sem qualquer contextualização, visitas orientadas para o vazio, ou sugestões de atividades esboçadas por quem nunca concebeu propostas pedagógicas neste formato. A quem serve este museu virtualizado?

O silenciamento da mediação e pedagogia nesta urgência de partilha de conteúdos online é avassalador. A passagem ao campo do virtual neste momento de crise não pode ser apenas o derramar apressado de conteúdos para outro formato, a réplica distorcida do que acontecia já no espaço físico do museu. A ausência de mediação no processo de cuidar dos conteúdos traduz-se numa efetiva redução da sua potência. Enquanto dispositivos de mediação, que lugar têm os serviços educativos dos museus num mundo transposto para o virtual?



Educadores e mediadores são mais necessários do que nunca, na contextualização das obras e atividades no campo instantâneo e excessivo do virtual. Chamados a orientar visitas, conceber e implementar programas para escolas e grupos de todas as idades, estes profissionais são desde sempre a face visível dos museus, e estão no centro do seu trabalho, produzindo pensamento crítico e inovação pedagógica em ponte com a comunidade. Numa era de suspensão da experiência física de co-presença, o campo virtual poderá constituir-se ainda como possibilidade de prolongamento dessa experiência já iniciada com a comunidade. Mas deverá também abrir espaços para a necessária redefinição do papel do museu no pós-pandemia. Neste sentido, o papel dos educadores e mediadores torna-se central, convocando a sua experiência de criação de significado e de engajamento com o público para oferecer mais às comunidades do que visitas a galerias virtuais desumanizadas.

Depois de décadas investidas na sua constante reinvenção para permanecerem relevantes, os museus que anunciavam como prioridades a educação e diversificação dos seus públicos, mas dispensaram na primeira hora desta crise os profissionais dos seus serviços educativos, parecem revelar que a sua função principal seria afinal colecionar objetos para criar valor, com pouco interesse na sociedade em geral, e ainda menos na comunidade em que se inserem. Os museus que insistam nessa via arriscam tornar-se meros repositórios de artefactos, distantes da produção de conhecimento e de pensamento crítico. Ao museu exigem-se hoje mudanças mais profundas, que passam também pela capacidade de reinventar a sua relação com a comunidade.



Teremos que encontrar novas maneiras de comunicar mantendo a distância física, pensando desde uma perspectiva empoderadora e geradora de capacidade de agenciamento e emancipação para os públicos. É necessário pensar este momento de crise também a partir do território da construção do político, do processo de tornar cada um agente de poder, assumindo por pensamento próprio a defesa e a necessidade do bem comum, da comunidade. Este processo assenta na promoção da cidadania pelo exercício da capacidade crítica na leitura de um mundo de crescente complexidade, e que sofreu com esta pandemia um abalo que o poderá ter deslocado do seu eixo. A arteeducação e a mediação cultural, levantando questões sociais e políticas que se inscrevem neste território, e que se desenvolvem também elas a partir da deslocação e do desvio, abrem uma profundidade de sentidos multiplicadora dos olhares sobre o mundo, assumindo-se como lugar de *ethos*, de criação de comunidade e de produção de consciência.



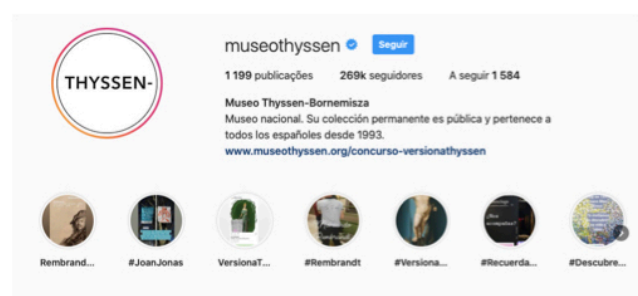
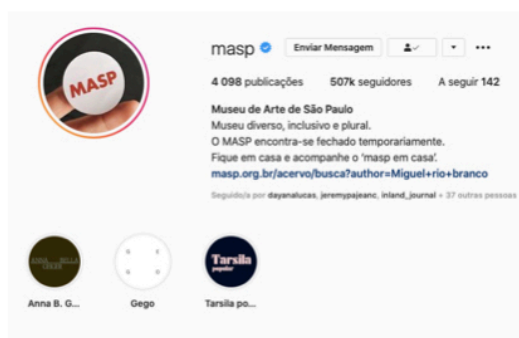
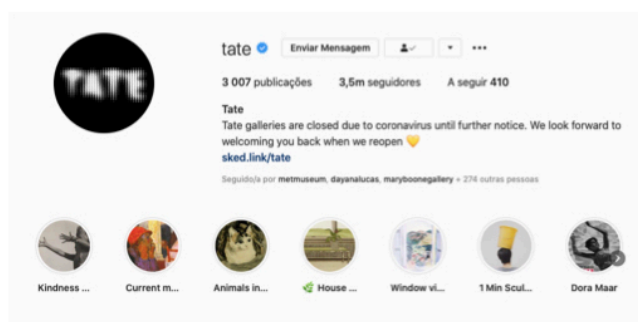
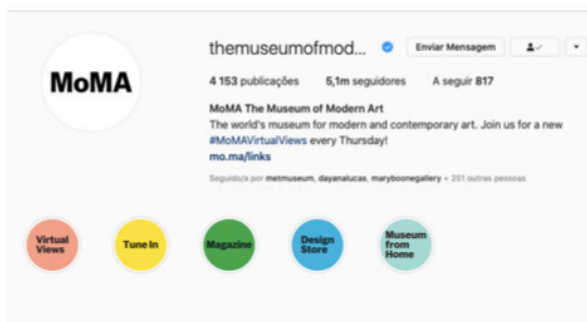
O próprio tecido da realidade foi profundamente transformado, e todos teremos que descobrir como navegar a paisagem pós-COVID. As lições que podemos tirar desta pandemia até ao momento são de retraimento, de desconfiança, de desaparecimento da nossa sensação de invulnerabilidade, ao mesmo tempo que vemos testemunhos do abraçar do imprevisto, da permissão do ócio, da valorização da comunidade, da partilha. O que fazer de tudo isto?

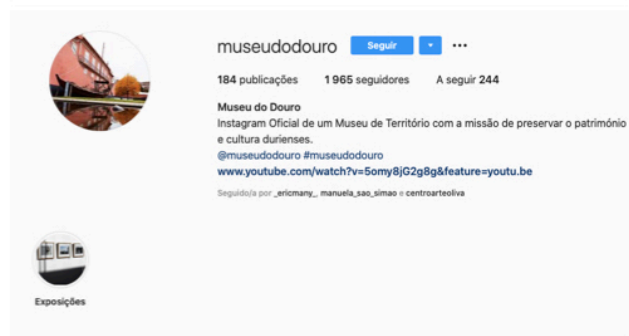
No momento em que é anunciado pela Ministra da Cultura que se prepara a reabertura dos museus, urge olhar criticamente o que foi feito durante o encerramento, e preparar o que vem.

Como repensar então o museu e a sua relação com a sociedade, num quadro mais abrangente da redefinição do papel da cultura, reconhecida como fundamental por toda a comunidade durante esta pandemia? Não se pretende um regresso ao paradigma meramente informativo, e o paradigma do museu como experiência talvez não tenha mais lugar. Enquanto espaço simultaneamente de visualização e de visibilidade, pelo registo e partilha de selfies com obras *instagramáveis*, o museu será profundamente afetado pelas mudanças fundamentais do nosso estilo de vida, que certamente se prolongarão além da pandemia. Será difícil imaginar um regresso à prática globalizada e massificada da viagem pré-pandémica, o que terá um impacto significativo nos museus até agora focados na atração de massas de turistas. É o momento de recentrar o foco principal do museu nos públicos locais e nacionais, na comunidade em que se insere.

No novo normal que começamos apenas a esboçar, esperamos um museu que potencie a experiência ética da cidadania, que cuide a sua pertença à comunidade que serve, a partir do local da sua inscrição.

Pensando a partir deste texto escrito em pleno confinamento, e olhando para o que foi feito na construção da presença dos museus na web, gostaria de partilhar alguns dados recolhidos de forma muito empírica nas páginas de Instagram de alguns museus de referência, que nos permitem perceber abordagens ao digital muito diversas. Os critérios para a escolha dos museus foram de representatividade e de diversidade organizacional e orçamental no paradigma ocidental de museu (na Europa e Américas). Considerei mais útil para esta comparação recorrer a exemplos internacionais mais próximos da realidade portuguesa, e por isso não incluí exemplos de museus de outros continentes. Os dados apresentados foram consultados no dia 17 de junho de 2020 nas páginas institucionais de Instagram dos museus. A escolha desta rede social prende-se com a sua relevância no que diz respeito à partilha de conteúdos de imagem.





Museus internacionais

MoMA

4153 publicações

5,1 milhões de seguidores

5 separadores temáticos de publicações

MASP

4098 publicações

507 mil seguidores

3 separadores temáticos de publicações

Tate

3007 publicações

3,5 milhões de seguidores

+7 separadores temáticos de publicações

Thyssen

1199 publicações

269 mil seguidores

+7 separadores temáticos de publicações

Museus portugueses

Fundação de Serralves

7958 publicações

108 mil seguidores

+7 separadores temáticos de publicações

FCG

1798 publicações

56,4 mil seguidores

6 separadores temáticos de publicações

Museu da Cidade do Porto

71 publicações

1056 seguidores

+7 separadores temáticos de publicações

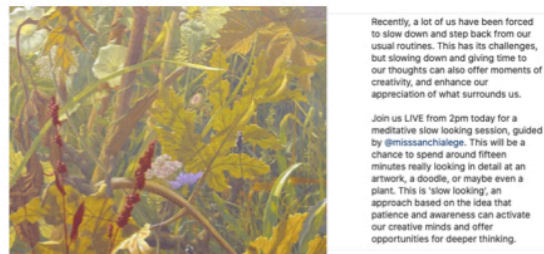
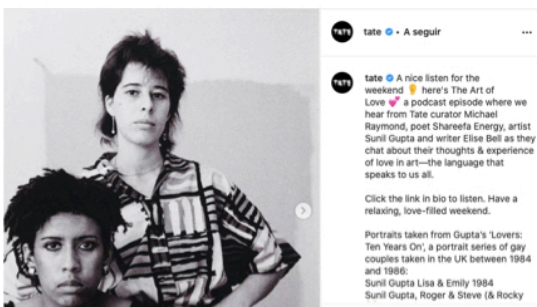
Museu do Douro

184 publicações

1965 seguidores

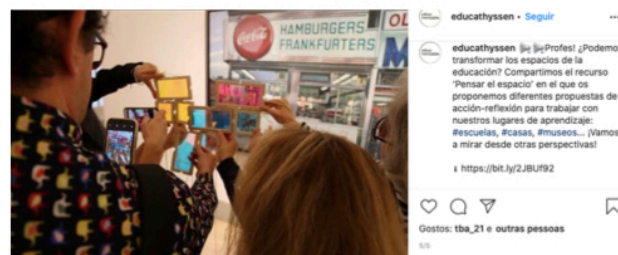
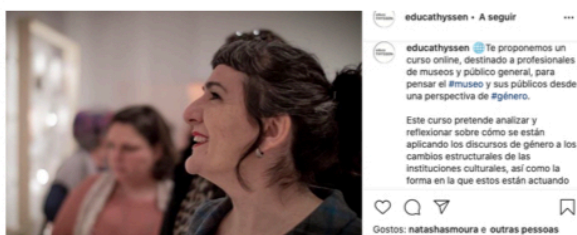
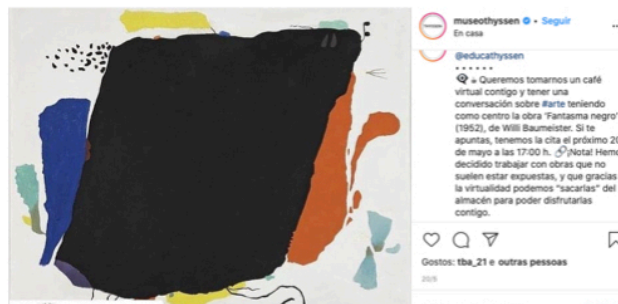
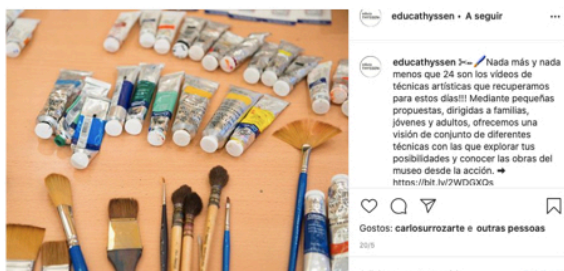
1 separador temático de publicações

Além do que se pode perceber a partir destes números, em termos de volume e alcance da comunicação digital através do Instagram, importa registar a qualidade dos conteúdos produzidos. Gostaria de partilhar alguns exemplos de formas interessantes de construir a presença digital dos museus durante a quarentena, recorrendo à mediação, contextualização, relação com a comunidade e educação.



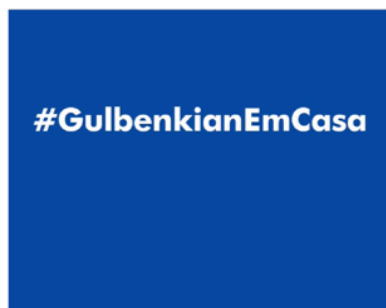
Tate

- Desafio de atividade artística em casa a partir da série “One minute Sculpture” do artista Erwin Wurm
- Podcast com curador da Tate, poeta, artista, escritora sobre a experiência do amor na arte
- Desafio de produção de imagens a partir de várias obras que representam vistas da janela
- Sessão meditativa em direto de “olhar lento”



Thyssen [educathysen]

- 24 vídeos de técnicas artísticas com pequenas propostas dirigidas a famílias, jovens e adultos para explorar obras do museu a partir da ação
- Café virtual / conversa sobre arte centrada em obras que não estão habitualmente expostas
- Curso online para profissionais de museu e público em geral para pensar o museu e os seus públicos a partir de uma perspectiva de género
- Recurso “Pensar o espaço” para professores, com propostas de ação-reflexão para trabalhar com os lugares de aprendizagem



Gostos: maritimesmuseum e outras pessoas

fcgulbenkian Depois das Coleções do Museu Gulbenkian, descubra a nova visita virtual 360° à exposição "A Idade de Ouro do Mobiliário Francês. Da Oficina ao Palácio!"
Percorra os vários núcleos desta exposição e veja de perto os emblemáticos móveis do século XVIII.

Saiba mais: link na bio.

#gulbenkian #GulbenkianEmCasa



13 507 visualizações · Gostos: dayanalucas

fcgulbenkian «Encontro de Natália Correia com Fernanda Botelho e Maria João Pires» · Na semana passada, a obra mais votada foi a do artista Nikias Skapinakis. Descubra algumas curiosidades sobre esta obra, bem como o «Retrato de Mademoiselle Duplant», reveladas pela Diretora do Museu, Penelope Curtis. Amanhã poderá escolher entre mais duas obras das Coleções Gulbenkian. Esteja atento!
#gulbenkian @maria.joao.pires

Ver todos os 37 comentários



#GulbenkianEmCasa



Gostos: maritimesmuseum e outras pessoas

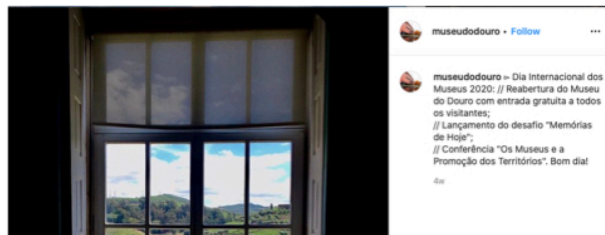
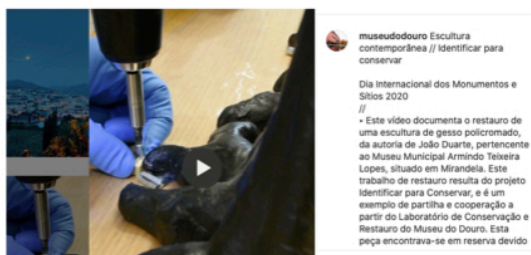
fcgulbenkian Vamos continuar a descobrir! Neste período de isolamento, partilhamos consigo várias propostas divertidas para fazer sozinho ou em família. Sugestões para todas as idades, para estimular o pensamento e a criatividade e até descobrir novos talentos! No final, não se esqueça de partilhar connosco os resultados usando o hashtag #GulbenkianEmCasa

Saiba mais: link na bio.

Ver todos os 4 comentários

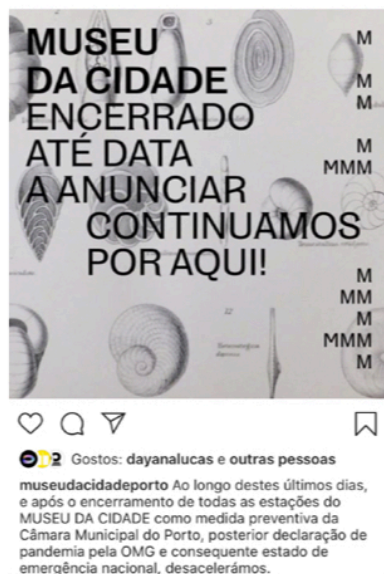
FCG

- Visitas virtuais 360°
- Obra mais votada da semana entre 2 obras das Coleções Gulbenkian
- Propostas de atividades para fazer sozinho ou em família e partilha com hashtag



Museu do Douro

- Partilha de programas educativos anteriores: Instalar a leitura
- Video documental do restauro de uma escultura - Projeto Identificar para Conservar
- “Memórias de Hoje” desafio à população e instituições de recolha de testemunhos associados à vida dos durienses neste período.
- Reabertura C/ Lançamento do desafio + Conferência “Os Museus e a Promoção dos Territórios”



Suspendemos todas as atividades previstas na programação, pelo menos, até abril. Foi uma desaceleração forçada, mas necessária. Com as equipas em casa, adequando as suas rotinas familiares e de trabalho à nova realidade, não quisemos ceder à cultura do imediatismo, à urgência da imagem e da resposta nas redes sociais que, pese embora a sua importância, nos parece ser tantas vezes desumanizada. Quisemos e continuamos a refletir primeiro sobre como podemos contribuir para ampliar o sentido de comunidade em tempos de exceção. Conscientes de que, mais do que nunca, é preciso comunicar e pensar o comum, o MUSEU DA CIDADE continua fechado na sua concha. Este fascinante elemento da natureza transmite, ao contrário do que a ideia possa sugerir, produtividade. A concha é símbolo de fecundidade, fecha-se e prepara-se para que, quando abrir, nasça algo novo. 🐚 Agora, continuamos por aqui.

#quarentena
#fechadosnaconcha
#ficamosemcasa
#fiqueemcasa
#comunidade

Ver 1 comentário
24 de março

 museudacidadeporto

Museu da Cidade

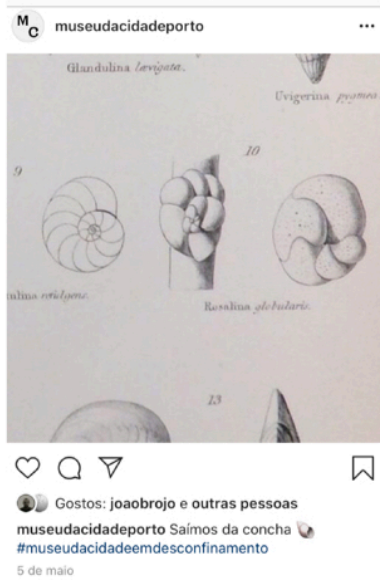
Anúncio de encerramento e desaceleração:

“(…) Com as equipas em casa, adequando as suas rotinas familiares e de trabalho à nova realidade, não quisemos ceder à cultura do imediatismo, à urgência da imagem e da resposta nas redes sociais que, pese embora a sua importância, nos parece ser tantas vezes desumanizada.

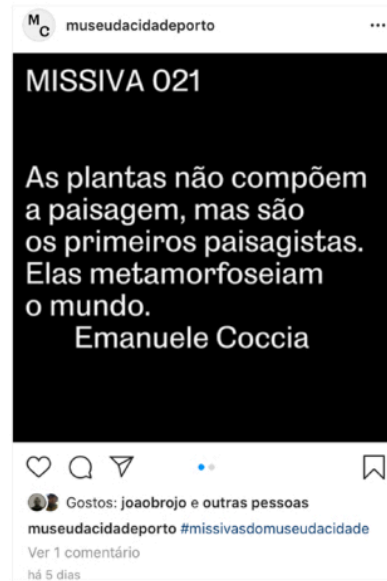
Quisemos e continuamos a refletir primeiro sobre como podemos contribuir para ampliar o sentido de comunidade em tempos de exceção.

Conscientes de que, mais do que nunca, é preciso comunicar e pensar o comum, o MUSEU DA CIDADE continua fechado na sua concha.”

(24 março)



Tempo de regressar à partilha com a comunidade
Lançamento de SINAL RESPIRATÓRIO sob a forma de missivas
(5 maio)



Sinal respiratório

Missiva 021

As plantas não compõem a paisagem, mas são os primeiros paisagistas. Elas metamorfoseiam o mundo. Emanuele Coccia



Dia Internacional dos Museus

Maratona Imaginária MdC pelas estações “para abrir a imaginação antes de abrir os lugares.”

Coexistindo agora com a presença física nos lugares, o digital nos museus pode ser este espaço de abrir a imaginação.

18 de Junho de 2020

Patrícia do Vale